

ENTRE O CUIDADO DE SI E O BEM VIVER: PORVIRESS POSSÍVEIS PARA A VIDA E A EDUCAÇÃO EM MEIO ÀS PEDAGOGIAS PANDÊMICAS

*BETWEEN CARE OF THE SELF AND GOOD LIVING: POSSIBLE FUTURES
FOR LIFE AND EDUCATION IN THE MIDST OF PANDEMIC PEDAGOGIES*

Tiago Amaral Sales **1**
Fernanda Monteiro Rigue **2**

Resumo: Este texto é escrito ensaisticamente (LARROSA, 2003) e busca tangenciar e tensionar as pedagogias pandêmicas que vêm atravessando as nossas vidas ao longo dos últimos anos, como também pensar em porvires possíveis para esses tempos. Ao percebermos que, antes mesmo da emergência pandêmica, já nos encontrávamos em uma sociedade neoliberal e com as suas diferentes estratégias e dispositivos de excesso de positividade da vida, produção de cansaço, hiper atenção curta e rápida, contribuindo para uma auto-exploração da existência e da convivialidade, acionamos possibilidades para escapar dessas táticas que despotencializam a vida. Por intermédio das ferramentas conceituais de cuidado de si (FOUCAULT, 2010a) e da dimensão do Bem Viver (KRENAK, 2020), abrimos vias que nos auxiliam a pensar-habitar-mobilizar os porvires possíveis nestes territórios pandêmicos e, ao mesmo tempo, em pistas de potencializar o corpo, a vida e a educação.

Palavras-chave: Covid-19. Educação. Michel Foucault. Ailton Krenak. Pandemia.

Abstract: This text is written essayistically (LARROSA, 2003) and seeks to tangent and tension the pandemic pedagogies that have been crossing our lives over the last few years, as well as thinking about possible futures at these times. When we realize that, even before the pandemic emergency, we were already in a neoliberal society and with its different strategies and apparatus of excess positivization of life, production of fatigue, short and rapid hyperattention, contributing to a self-exploration of existence and conviviality, we activate possibilities to escape these tactics that depotentiate life. Through the conceptual tools of care of the self (FOUCAULT, 2010a) and the dimension of Bem Viver (Good Living) (KRENAK, 2020), we open paths that help us to think-inhabit-mobilize the possible futures in these pandemic territories and, at the same time, in clues to potentialize the body, life and education.

Keywords: Covid-19. Education. Michel Foucault. Ailton Krenak. Pandemic.

1 Doutor em Educação (UFU). Mestre em Educação (UFU). Graduado em Ciências Biológicas (UFU). Professor na Escola Municipal Stella Saraiva Peano e na Escola Estadual da Cidade Industrial, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2295345372533795>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3555-8026>. E-mail: tiagoamaralsales@gmail.com

2 Doutora em Educação (UFSM). Mestre em Educação (UFSM). Graduada em Química (IFF). Professora na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1520364228695308>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2403-7513>. E-mail: fernanda_rigue@hotmail.com

Introdução

Em 2022, passamos a adentrar o terceiro ano da pandemia ocasionada pelo vírus SARS-CoV-2, causador da doença covid-19. Estamos, durante todo esse tempo, imersos como jamais estivemos antes em meio à prevalência de enunciados, discursos e práticas biomédicas. A medicina e a trama delineada em torno dela adensaram-se em nossas vidas de formas profundas e capilares, tomando, portanto, uma dimensão jamais antes experienciada, materializada nas máscaras que cobrem os nossos rostos, nas testagens que se colocam como alternativa à emergência de qualquer sintoma gripal, nas discussões sobre a eficácia de vacinas e o uso de medicamentos. Paradoxalmente, movimentos e narrativas na contramão do viés médico-científico ganharam força, fundados em teorias que rejeitam os conhecimentos científicos historicamente produzidos, por exemplo, os movimentos que são contrários à vacinação.

Tramas e tensionamentos entre relações de poder entremeadas de discursos e práticas cambiantes. Um espirro e nos assustamos, uma notícia e nos agitamos. Variantes, porcentagens, máscaras, vacinas. São muitas as constantes que se tornaram presentes e marcantes em nossos múltiplos cotidianos. Fomos - e continuamos sendo - interpelados por essas e tantas outras situações que demandam uma constante atenção e (re)atualização de nossos modos de estar no mundo e de existir.

A pandemia vai traçando o que poderíamos chamar de uma pedagogia pandêmica ou, quiçá, pedagogias pandêmicas, permeadas pelo atrito entre discursos e práticas biomédicas e outros contrários à perspectiva científica; a tensão entre a vida e o desejo de vivê-la, e a iminência da morte; a instabilidade do perigo de infecção e do desejo de retornar ao que se conhecia anteriormente como “padrão” de normalidade. O sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, logo no começo da emergência pandêmica da Covid-19, publicou o livro intitulado *A cruel pedagogia do vírus* (2020), em que tece percepções sobre as pedagogias traçadas pela pandemia e as diferentes formas que estas impactaram as vidas humanas mundo afora.

Em 2022, percebemos que as concepções das duras pedagogias pandêmicas iniciais, apontadas por Boaventura de Sousa Santos (2020), continuam atuais, sobretudo no âmbito das desigualdades geo-econômico-sociais que evidenciam em seus escritos as tramas do Norte e Sul global. Contudo, também notamos que essas pedagogias têm se atualizado constantemente, seja pelas múltiplas facetas da corrida neoliberal para movimentar o consumo - cafetinando o nosso desejo e sugando a nossa força vital, como evidenciou Suely Rolnik (2018), ou no surgimento das vacinas específicas no combate à infecção pelo SARS-CoV-2, que trouxe configurações outras à pandemia, pela sintomatologia, pelas dimensões que os encontros corpóreos tomaram, ao possível adoecimento pela Covid-19.

Viver estes territórios pandêmicos exige-nos, então, uma atenção constante às modulações e suas atualizações. Aprendemos, diariamente, com essas pedagogias pandêmicas que se produzem cotidianamente, mas não despropositadamente. O cansaço intensificado pelas políticas neoliberais capitalísticas toma conta de nossos corpos e o nosso fôlego vai se esvaindo. Surge, desse modo, a urgência de agir, de cultivar caminhos para manter-se vivo e ativar as potências que habitam os nossos corpos.

Decidimos construir este texto por meio de um método ensaístico, percebendo que essa possibilidade de escrita nos permitiria fluir pelos acontecimentos pandêmicos que têm nos atravessado, cartografando as intensidades que permeiam as nossas vidas e nos conectam com tantas outras vidas. Sobre o ensaio, Jorge Larrosa (2003) afirma que:

Para o ensaísta, a escrita e a leitura não são apenas a sua tarefa, o seu meio de trabalho, mas também o seu problema. O ensaísta problematiza a escrita cada vez que escreve, e problematiza a leitura cada vez que lê, ou melhor, é alguém para quem a leitura e a escrita são, entre outras coisas, lugares de experiência, ou melhor, ainda, é alguém que está aprendendo a escrever cada vez que escreve, e aprendendo a ler cada vez que lê: alguém que ensaia a própria escrita cada

vez que escreve e que ensaia as próprias modalidades de leitura cada vez que lê (LARROSA, 2003, p. 108).

Logo, buscamos tangenciar e tensionar as pedagogias pandêmicas que percebemos atuais, ensaiando modos outros de ler o mundo. Para pensar nas complexidades-problemáticas da nossa sociedade neoliberal atravessada pelo cansaço, inspiramo-nos na produção do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, para modular contingências que se intensificaram com a emergência pandêmica. Ademais, embasamo-nos, sobretudo, no conceito de cuidado de si proposto pelo filósofo francês Michel Foucault, bem como na dimensão do Bem Viver, discutida atualmente pelo líder indígena brasileiro e pensador contemporâneo Ailton Krenak, com o intento de acionar linhas de fuga que podem tomar relevo como possibilidades de cultivo nas múltiplas vivências que habitamos no contemporâneo. Escritos do filósofo italiano Emanuele Coccia também são miríades que nos ajudam a pensar um porvir.

Talvez, a diferença epistemológica entre esses pensadores poderia apresentar-se, em algum nível, como barreira para ensaiar esta escrita, mas, por sua vez, como já nos ensinou Deleuze em seu célebre diálogo com Foucault *Os intelectuais e o poder*, “Uma teoria é como uma caixa de ferramentas. Nada tem a ver com o significante... É preciso que sirva, é preciso que funcione” (FOUCAULT; DELEUZE, 2019, p. 132). Nessa mesma conversa, Foucault pontua que teoria e prática não se separam, na medida em que a teoria “[...] é uma prática” (FOUCAULT; DELEUZE, 2019, p. 132) que não é totalizadora, mas sim local e regional.

Nesse tom, ao longo desta escrita ensaística, acionamos e enchemos as nossas caixas com as ferramentas possíveis de teoria e pensamento que dispomos. Com essa caixa, vamos a campo: com os territórios de vida que habitamos, bem como das nossas leituras de mundo em educação¹, compreendendo-na “[...] como uma arte de produzir bons encontros” (CORRÊA, 2014, p. 2).

Propomo-nos a tecer escritas que também operam como práticas de reflexão do/no/com o mundo, da/na/com a pandemia, da/na/com a vida e da/na/com a educação. Abrimos vias de pensamento expostas ao risco de não restringir possibilidades, de ampliar nossos campos de entendimentos, agenciamentos e estratégias.

Cuidado de si em territórios pandêmicos

O filósofo francês Michel Foucault foi um importante pensador contemporâneo acerca das questões que estão no entorno da constituição do sujeito e das relações de poder e saber. Segundo Deleuze (2013, p. 135), no trabalho de Foucault, “O pensamento jamais foi questão de teoria. Eram problemas de vida. Era a própria vida”.

Um conceito importante na filosofia foucaultiana é o de dispositivo, o qual trata-se de:

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos. Em segundo lugar, [...] entre estes elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes. [...] Em terceiro lugar, entendo dispositivo como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma

1 “[...] qualquer movimento que produz uma modificação. Um movimento do pensamento, um movimento do corpo, um movimento no espaço, qualquer coisa que produza variação em termos de compreensão ou de perspectiva ou de visão. A educação, assim, não conduz necessariamente ao bem, à felicidade ou ainda a um ideal de humano e de sociedade. Educação e processos educacionais não são bons. E não são maus. São processos de modificação.” (CORRÊA; PREVE, 2011, p. 187).

urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante (FOUCAULT, 2015, p. 364).

Percebemos que a Covid-19, para além da infecção viral causada pelo vírus SARS-CoV-2, também é entretecida por múltiplos enunciados e práticas que compõem com diferentes dispositivos. Como evidencia Foucault (2015), a pandemia viral estabelece-se por vias específicas que agem sobre os corpos, tendo, portanto, operado por funções estratégicas que servem a determinadas instâncias que mobilizam o poder, a regulação e, em determinadas contingências, a dominação da vida. A pandemia de Covid-19, assim, pode ser percebida como um território que é entretecido por tantos dispositivos - médicos, pedagógicos, midiáticos... -, se configurando na trama que tem permeado as nossas vidas.

“Pertencemos a dispositivos e neles agimos”, afirma Deleuze (1996, p. 92). Produzimos e somos produzidos pelos dispositivos. Não somos apenas por eles agenciados, mas também nos utilizamos de suas artimanhas para engendrar os nossos caminhos de vida. Ao percebermos que a pandemia de covid-19 é entremeada por dispositivos, queremos evidenciar que, além de ser um conjunto heterogêneo de discursos e práticas que entretecem tantas vidas e nelas atua, também é possível neles incidir, atuar, moldar, modificar e produzir formas outras de viver estes contextos.

Os dispositivos têm por componentes linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de força, linhas de subjectivação, linhas de brecha, de fissura, de fractura, que se entrecruzam e se misturam, acabando por dar umas nas outras, ou suscitar outras, por meio de variações ou mesmo mutações de agenciamento (DELEUZE, 1996, p. 91)

Linhas, linhas e mais linhas... é disso que os dispositivos são feitos, como já afirmou Deleuze (1996). Cada uma dessas linhas atua de diferentes formas, visibilizando, enunciando, dando forma, atuando nas forças, incidindo nos processos de subjetivação e dessubjetivação, criando brechas e fissuras, possibilitando fugas, saídas e formas outras de maquinação nos dispositivos.

Outro conceito também importante nos movimentos de pensamento de Foucault foi o cuidado de si. Ao se aprofundar na filosofia antiga, sobretudo nos gregos e romanos, o filósofo francês percebeu um tema muito presente, porém pouco reconhecido nas discussões contemporâneas: as dimensões do cuidado de si, relacionadas às questões de ética, estética, subjetivação, vida social e política.

Sobre o cuidado de si em Foucault, Marcel Gomes, Marcelo Ferreri e Flávia Lemos (2018, p. 189) refletem que “a discussão em torno da noção do cuidado de si, trazida por Foucault, é então atravessada por práticas que circunstanciam uma estética da existência, e a vida do homem percebida como uma obra de arte”. Ética, estética e vida como obra de arte são temas tensionados há milhares de anos e que nos instigam, saltam aos olhos, pois vislumbram horizontes e, ao mesmo tempo, inquietam ao traçarmos o presente ensaio. Interessa pensar: o que permaneceria atual nessas discussões que já se estendem por muito tempo? Como poderíamos nos inspirar nelas para pensar na vivência pandêmica e na educação contemporânea?

Ponderadas suas diferenças para com o cenário atual, o cuidado de si, quando articulado a questões éticas e de liberdade dos sujeitos, pode tornar-se ferramenta de enfrentamento a práticas e discursos políticos que recheiam nosso cotidiano de dispositivos de verdade e de biopoder.(GOMES; FERRERI; LEMOS, 2018, p. 190).

Atentos à potência do cuidado de si como uma ferramenta importante para este estudo, o que desejamos é acioná-la ao longo dessa criação. Ocupar-se consigo mesmo, trabalhar sobre si

mesmo, é esse o sentido que Michel Foucault atribui ao cuidado de si. Para o filósofo, as práticas de si, de cuidado consigo, consistem em “[...] um exercício de si sobre si mesmo através do qual se procura se elaborar, se transformar e atingir um certo modo de ser” (FOUCAULT, 2010a, p. 265).

Foucault (1985, p. 53) afirma que “[...] o cuidado de si é um privilégio-dever, um dom-obrigação que nos assegura a liberdade, obrigando-nos a tomar-nos nós próprios como objeto de toda a nossa aplicação”. A experiência do cuidado de si abre vias de cuidado que permitem promover contágios que problematizam as técnicas de condução de condutas, as quais buscam constituir um capital humano, útil e utilizável pelos interesses totalizantes.

Cuidar de si é um ato político:

[...] é a partir desse trato ético despertado pelo cuidado de si nas relações dos sujeitos, para consigo e para com os outros, que Foucault apresenta um sujeito ético-político de postura ativa, cujas práticas não passam de esquemas que este mesmo sujeito encontra em sua cultura, e que lhe são propostos, sugeridos por sua sociedade e seu grupo social. Assim, um cuidado ético e político para consigo e os demais pode, e deve, se fazer presente e em possibilidades de traçar caminhos juntos, em prol de uma coletividade. Entretanto, incumbe a todo e qualquer sujeito a busca de uma postura ativa, assumindo o risco ao exigir respaldos éticos, pedagógicos, bem como ontológicos nas relações políticas contemporâneas (GOMES; FERRERI; LEMOS, 2018, p. 195).

Pensar em convívios contemporâneos que sejam animados pelos bons encontros é também investir em formas de cuidado de si. Cuidado esse que começa em si mesmo, pois, “[...] não se deve fazer passar o cuidado dos outros na frente do cuidado de si; o cuidado de si vem eticamente em primeiro lugar, na medida em que a relação consigo mesmo é ontologicamente primária” (FOUCAULT, 2010a, p. 271).

Mas, mesmo que comece em si primeiro, cuidar de si “[...] implica também a relação com um outro” (FOUCAULT, 2010a, p. 271). Ou seja, cuidar de si não é isolar-se no eu, na fantasia sedutora de uma identidade, na possibilidade de fechar-se em si mesmo egocentricamente. Cuidar de si é ponderar-se, controlar-se, governar-se e ter o cuidado constante para, ao cuidar de si, também cuidar do outro sem o desejo de controlar tiranicamente a sua vida:

[...] o risco de dominar os outros e de exercer sobre eles um poder tirânico decorre precisamente do fato de não ter cuidado de si mesmo e de ter se tornado escravo dos seus desejos. Mas se você se cuida adequadamente, ou seja, se sabe ontologicamente o que você é, se também sabe do que é capaz, se sabe o que é para você ser cidadão em uma cidade, ser o dono da casa em um *oikos*, se você sabe quais são as coisas das quais deve duvidar e aquelas das quais não deve duvidar, se sabe o que é conveniente esperar e quais são as coisas, pelo contrário, que devem ser para você completamente indiferentes, se sabe, enfim, que não deve ter medo da morte, pois bem, você não pode a partir desse momento abusar do seu poder sobre os outros. Não há, portanto, perigo (FOUCAULT, 2010a, p. 272).

Cuidar de si, portanto, vai ao encontro de compreender que “[...] somos responsáveis uns diante dos outros, outros uns para os outros, [...]” (FAUSTO, 2020, p. 32), atuando no seu corpo, nas suas relações com o mundo, sendo assim uma atitude ética, estética e política.

Estamos abrindo vias de cuidado em nossas vidas? E, se sim, como? Quais estratégias são

possíveis de cuidar de si em meio à emergência pandêmica? Como mobilizar uma qualidade de escuta que permita encontrar pistas potentes para cuidar de si? Que rotas podem tomar corpo para que seja possível cultivar a temperança, a suavidade nos momentos de tensão e a força necessária para habitar entre máscaras, perigos, vírus e formas outras de se relacionar? Será que os dilemas para cuidar de si na pandemia de Covid-19 se destoam tanto do que era demandado anteriormente? Será que era tão diferente “antes”?

Para poder cuidar de si, independente do tempo, é preciso conhecer-se, pois “não é possível cuidar de si sem se conhecer. O cuidado de si é, certamente, o conhecimento de si” (FOUCAULT, 2010a, p. 269). Nesse tom, conhecer-se também passa por encontrar as nossas verdades, encontrar com as verdades coletivas: eis o fazer ético de cuidar de si em meio aos jogos de verdade. Esse trabalho, portanto, consiste em conhecer as verdades, regras, princípios e prescrições sociais, pois, “[...] nesse caso, a ética se liga ao jogo da verdade” (FOUCAULT, 2010a, p. 269). Nesses caminhos éticos-estéticos, um fazer minucioso de ter atenção às nossas vidas é demandado, questionando diariamente o que tem tido a chance de estar em fluxo em nossos cotidianos e o que demanda o cultivo e a experimentação de novas estratégias.

O objetivo de cuidar de si é cultivar a liberdade, mas libertar-se de algo é também colocar-se poroso para formas outras de controle. “A liberação abre um campo para novas relações de poder, que devem ser controladas por práticas de liberdade” (FOUCAULT, 2010a, p. 267). Eis outro trabalho intensivo e constante: criar e exercer práticas de liberdade, praticando a liberdade eticamente “[...]”, pois o que é a ética senão a prática da liberdade, a prática refletida da liberdade?” (FOUCAULT, 2010a, p. 267).

Habitar os territórios pandêmicos exige um cuidado da vida, englobando o cuidado de si, logo, também o cuidado do outro. A manutenção de nossas liberdades demanda uma atenção ao espaço do outro: cuidar de si é necessariamente cuidar do outro e ampliar a sua liberdade. Ao colocarmos-nos nesse espaço ético de uma percepção da força e responsabilidade de nossas vidas, também estamos na tensão da corresponsabilidade que habita as nossas relações: nos encontros, cada vida é corresponsável também pelos resultados possíveis daquele contato. Ao assumirmos essa responsabilidade coletiva-relacional nas convivialidades, damos outros sentidos às pedagogias pandêmicas do medo e da culpa, que foram introjetadas no centro dos encontros corpóreos nesses territórios virais.

Algumas problemáticas têm sido recorrentes nos últimos tempos afetados pela situação pandêmica: Preciso sair de casa? Como posso fazer isso da forma mais segura possível? Quais atitudes são possíveis para cuidar de mim e do outro em meio a essa situação? Sabemos, entretanto, que essas questões não podem ser respondidas tão facilmente, pois elas entremeiam com estratégias macropolíticas e totalizadoras (regulação do mercado, estatísticas, entre outras), perspectivas neoliberais, com a necessidade compulsória do trabalhador exercer atividades profissionais presencialmente, entre outros tantos fatores. Atravessamentos distintos que também adentram os espaços escolares, como é o caso da cobrança pelo retorno às aulas presenciais, mesmo antes do acesso às estratégias eficientes de vacinação para a comunidade escolar.

Dora Marín-Díaz (2015) produz um movimento de pensar potente no que tange às práticas dirigidas ao governo de si e dos outros a partir da teorização de Foucault e de Peter Sloterdijk. Em sua criação, aciona uma atenção aos circuitos dos dispositivos que põe em funcionamento a noção de autoajuda, o que nos serve de inspiração para a construção deste ensaio. Conforme aponta, o:

[...] privilégio que as práticas de condução (de si e dos outros) alcançaram no decorrer dos séculos XIX e XX. Esses enunciados de identificação, transformação e procura da felicidade configuram uma série de individualização-exercitação-condução que emerge de maneira muito clara nos discursos educacionais, nas práticas educativas e nos discursos de sucesso e felicidade sob a forma de noções como aprendizagem, educação permanente, competência e capital humano, vinculando-se às formas de governo de si e dos outros que, no decorrer do século XX, acompanharam

a alimentação e conformação da racionalidade neoliberal contemporânea (MARÍN-DÍAZ, 2015, p. 15).

Com Marín-Díaz (2015), percebemos o campo da educação escolar sendo parte inerente das práticas neoliberais contemporâneas. Práticas são maquinadas pela via de governamentos, como acontece nas demais instituições sociais: “[...] voltam-se para estimular a criação de condições de competir. Portanto, o governo não é mais dos indivíduos como unidades fechadas e acabadas, mas de condições que é possível que eles se autorregulem e gerenciem seus [...] riscos” (MARÍN-DÍAZ, 2015, p. 252).

Na maioria das vezes, entra em cena a prevalência de uma noção de desenvolvimento de técnicas neoliberais sobre si, que se proliferam a partir dos interesses dos dispositivos que incidem sobre os corpos. Assim, “[...] o Estado se encarrega de oferecer condições para a concorrência dos atores econômicos, sejam eles indivíduos ou instituições” (MARÍN-DÍAZ, 2015, p. 252). Exercícios buscam extrair desse corpo a maior quantidade possível de resultados que ele possa oferecer ao próprio fluxo do mercado e do capital. Ao invés de um cuidado de si, na perspectiva de Foucault, opera, portanto, a dominação de si e o controle de si. Na pandemia, portanto, o que é possível verificarmos é que os seres pouco ou quase nunca têm a chance de sair fora dessa maquinaria que coloca tudo e todos a se movimentarem compulsoriamente.

Nessa mesma perspectiva, Byung-Chul Han (2017) desenvolve em sua pesquisa um deslocamento interessante que aponta para o quanto essa estratégia de condicionamento dos corpos - que atravessa os ambientes escolarizadores, mas também todos os demais espaços sociais - tem constituído uma sensação total de cansaço, isolamento e patologização da vida. O quanto o excesso de positividade e positividade do mundo faz emergir na sociedade contemporânea “[...] novas formas de violência” (HAN, 2017, p. 19) que são imanentes ao sistema. Uma espécie de violência neural, que satura os corpos em suas diferentes territorialidades - da vida privada e da vida pública - fortalecendo uma sociedade do desempenho, a qual tem “[...] provido do ego a ponto de quase dilacerar-se” (HAN, 2017, p. 43).

Na sociedade do cansaço descrita por Han (2017, p. 31), não há tempo para o descanso e a contemplação, o que prevalece é a massificação, as multitarefas, os múltiplos “[...] estímulos, informações e impulsos”. Engendramentos que favorecem uma estrutura de atenção destrutiva que não permite viver com a dimensão do acontecimento, ao contrário, uma técnica de atenção para sobreviver ao invés de viver. A sociedade do cansaço empreende tantas práticas de coerção de si que, muitas vezes, é preciso muita vontade para estabelecer movimentos intensivos para promover a liberdade de cuidar de si além das pretensões de capitais humanos que sejam empresários de si (MARÍN-DÍAZ, 2015).

São muitas as (in)constâncias que complexificam e intensificam os tensionamentos de habitar uma pandemia no contemporâneo. Como observamos com Marín-Díaz (2015) e Han (2017), práticas de governo de si já imperavam na sociedade antes mesmo da situação pandêmica ocasionada pela Covid-19. Vale perguntar: será a covid-19 apenas um novo elemento que passa a compor com as relações de forças que já se faziam presentes em nossos cotidianos? Se a resposta for afirmativa, podemos assinalar que o *modus operandi* que se fazia majoritário em nossos dias apenas foi intensificado com a pandemia de Covid-19. Dito de outra forma, as políticas cotidianas que já estavam fortemente instaurando nossas formas de viver no mundo foram, nessas contingências, demarcando ainda mais intensivamente suas presenças nos cotidianos. Por sua vez, é preciso considerar que essas práticas da governamentalidade neoliberal não afetam com a mesma proporção e intensidade todas as camadas sociais. Há de se mencionar que as técnicas de si empregadas por essas instâncias acabam condicionando principalmente camadas populares, as quais estão cada vez mais propensas a subjetivações capitalísticas (ROLNIK, 2018).

As complexidades são muitas quando se está vivo. Ao mesmo tempo, viver em sociedade é estar permanentemente em contato com os modos hegemônicos de organização e distribuição do tempo, das atividades econômicas, educativas, entre outras. Raros são os contextos e momentos em que os seres têm a chance de semear e mensurar os atravessamentos das práticas naturalizadas em seus cotidianos, bem como os seus efeitos sobre os corpos. Logo, o que se quer, nesse texto, é também problematizar o quanto têm sido escassos os instantes em que os seres podem

criar momentos de atenção sobre o próprio corpo no contemporâneo, sobre as suas próprias autopercepções, sentimentos, entre outros. Muitas vezes, quando isso acontece, o que prevalece é a presença de uma estratégia de subjetivação para a aquisição de algum produto, de determinada marca.

Nesse cenário, cuidar de si, dentro da perspectiva foucaultiana, aparece como um lampejo, uma oportunidade. Uma possibilidade ética-estética de habitar esse mundo, como ter a oportunidade de inaugurar instantes de tensionamento, estranhamento, produção de perguntas, reflexão, redimensionamento e... e... e...²

Quando se passa a costurar momentos vívidos e afectivos diante da vida, pode-se atentar, cuidar e aprender diante das singularidades desse mundo, seus tons, ritmos e contingências. Isso também reverbera nas modulações intensivas que nos atravessam e nos tocam, mas que precisam ultrapassar a lógica de um capital humano que responde a uma racionalidade neoliberal que prioriza táticas de supressão das potências.

Cuidar de si, portanto, opera como prática da liberdade (FOUCAULT, 2010a). Logo, habitar esse próprio mundo demanda um permanente esforço ético e estético, estando poroso aos afetos que nos interpelam. Nessas práticas de cuidado, entramos em relação com o outro, já que ele “[...] constitui [...] uma modulação intensificada da relação social. Não se trata de renunciar ao mundo e aos outros, mas de modular de outro modo esta relação com os outros pelo cuidado de si” (GROS, 2006, p. 132).

Nisso, pensamos e criamos formas outras de estar com, de nos encontrar conosco e com os demais seres que habitam e compartilham conosco o mundo, sejam eles humanos ou não humanos. Poderia a nossa relação com o próprio vírus ser, a partir desses modos de perceber e habitar o mundo, vista e vivida de outras formas? Possibilidades menos conflituosas e bélicas, quiçá mais atentas à potência e força que habita na vida viral, seres que estão na Terra há tempos antes de nós.

[...] é preciso ir em direção ao eu como quem vai em direção a uma meta. E esse não é mais um movimento apenas dos olhos, mas do ser inteiro, que deve dirigir-se ao eu como único objetivo. Ir em direção ao eu é, ao mesmo tempo, retornar a si: como quem volve ao porto ou como um exército que recobra a cidade e a fortaleza que a protege (FOUCAULT, 2010b, p.192).

Em muitos momentos da vida, nos perdemos do que conhecíamos, até então, como “eu”. Ir em direção à nossa vida e às forças que nos impulsionam demanda um retorno ao que nos constitui, que nos move e estabiliza. Na pandemia, essa procura pelo eu pode ter se tornado mais intensa, visto a rápida e repentina dissolução de muito do que conhecíamos antes.

As ausências e as mudanças que advieram do começo da pandemia abalaram processos de vida. O próprio cansaço e a falta de ar, sintomas do adoecimento causado pela covid-19, capilarizaram-se, tornando-se sensações naturalizadas como comuns do viver em sociedade. Um exemplo dessas sensações de falta de ar e cansaço foi relatado por Sales *et al.* (2020) acerca da experiência acadêmica e de vida no começo da pandemia:

Dentro de casa, a princípio, quase fomos sufocando pelo luto da “falta” de um mundo que, em sua imperfeição, ainda nos possibilitava estar juntos, lendo, discutindo conceitos, aprendendo e criando no contexto acadêmico. Começamos, então, a abrir janelas em busca de alguma lufada de vento capaz de mover nossos corpos ainda inertes pelo choque da mudança. Notamos que as janelas que dispúnhamos já não davam conta dos tantos ares que nos atravessavam nestes novos processos de existir. Talvez, nossos modos de olhar

2 Inspirado no conceito de rizoma, de Deleuze e Guattari (2011).

para as janelas, de nos debruçarmos e imaginarmos um fora como algo apartado do “dentro” de nossos lares, também já não dessem conta de tantos sufocamentos, necessidades de sobreviver e de aprender a viver de outras maneiras (SALES *et al.*, 2020, p. 378).

A abertura de janelas, de que falam os autores (SALES *et al.*, 2020), foi uma possibilidade de encontrar saídas e continuar respirando na emergência pandêmica. Formas de cuidar de si, de voltar para si e de, na medida do possível, forjar caminhos para se encontrar com o outro, necessidade vital para a vida. Cada pessoa, independente das complexidades que permeiam a sua vida, precisou de alguma mudança para adaptar-se à pandemia. Quiçá, várias mudanças. Vivemos diversos lutos: perdas de pessoas, de modos de vida, de gestos, de relações. Muito foi exigido de nós, e permanece sendo, de diferentes formas.

Já estávamos cansados antes da emergência pandêmica e, com ela, esvaímos ainda mais. Voltar para si e pensar no outro tornam-se necessidades vitais. Voltar ao outro e cuidar de si. Ao ter medo, observá-los e lidar com eles. Encontrar, sabendo dos riscos. Tentar calcular os riscos, mesmo sabendo que a certeza beira a impossibilidade. Encarar os riscos, com cautela. Encontrar saídas e compreender as escolhas do outro. São múltiplos os modos de existência, as formas de viver, de existir e de reexistir nos territórios pandêmicos.

Artesanias da vida que se fazem diariamente, mas não sozinho: sempre no contato com o outro. Colocar-se ativamente no cuidado de si e na postura ética de lidar com os jogos de verdade apresenta-se como possibilidade de existir com o outro, pois “cuidar de si e dizer a verdade constituem, em suma, artes do pensamento e da experiência de alteridade” (MARCELLO; FISCHER, 2014, p. 172).

A alteridade é, mais do que nunca, imprescindível para cultivarmos bons encontros, sejam como eles possam ser: no trabalho, na escola, na universidade, na casa, na rua, nos abraços, nas chamadas virtuais, nas aulas a distância e presenciais, entre máscaras, também nos momentos em que reconhecemos as nossas vulnerabilidades pelo corpo despido de camadas protetoras. Alteridade essa que é necessária para habitarmos formas férteis e abundantes à vida e, quem sabe, vislumbrarmos um mundo porvir.

Bem Viver e porvires possíveis

O líder indígena Ailton Krenak é, hoje, provavelmente, um dos maiores pensadores contemporâneos brasileiros, e tem contribuído com o pensar na vida e no mundo nas últimas décadas. Sempre atuante nos movimentos sociais em torno dos modos de vida indígenas, das questões ambientais, climáticas e políticas, Krenak destacou-se como uma importante potência reflexiva durante a pandemia de covid-19, conferindo diversas *lives*, publicando livros e nos dando pistas de como seguir nestes tempos caóticos e de exaustão.

Para Krenak (2019), o que tem sido intitulado de Antropoceno, período em que o ser humano vem causando intensas e destrutivas mudanças no planeta, é um tempo de ausências.

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos (KRENAK, 2019, p. 20).

Um tempo do Antropoceno que, para Juliana Fausto (2020), foi constituído na noção Aristotélica do homem como um animal político. Noção esta que constitui até hoje “[...] um dos pilares do pensamento ocidental” (FAUSTO, 2020, p. 11) e vem ao encontro de reiterar que apenas “[...] o homem possuiria *lógos* - discurso, razão, linguagem [...]” (FAUSTO, 2020, p. 11). Seres humanos e animais, nessa linha de pensamento, tomam corpo como seres de falta, apolíticos, portanto, inferiores.

A referida compreensão ocidental contribui para produção de ausências que nos distanciam da potência do encontro com os múltiplos seres, sejam eles humanos ou não humanos, e nos causam a sensação movida por afetos tristes de que o extermínio, que o fim do mundo seja a única saída, como já nos chama a atenção Krenak (2019). Tendo em vista a problematização dessa noção fatalista e desacreditada da vida, Krenak (2019) propõe pistas para adiar o fim do mundo. Uma possibilidade de lidar com esse fim que, quiçá, seja iminente, é aceitar que estamos caindo há tempos: “Quem disse que a gente não pode cair? Quem disse que a gente já não caiu?” (KRENAK, 2019, p. 44). Aceitar e reconhecer as nossas quedas é também aprender a viver os bons encontros, a dançar, cantar e sentir prazer em estar vivo, mesmo no caos. Dançar nas tormentas, no escuro, nas turbulências.

Por que nos causa desconforto a sensação de estar caindo? A gente não fez outra coisa nos últimos tempos senão despencar. Cair, cair, cair. Então por que estamos grilados agora com a queda? Vamos aproveitar toda a nossa capacidade crítica e criativa para construir paraquedas coloridos. Vamos pensar no espaço não como um lugar confinado, mas como o cosmos onde a gente pode despencar em paraquedas coloridos (KRENAK, 2019, p. 21).

Em meio às quedas que são, muitas vezes, inevitáveis, Krenak (2019) nos instiga a criar paraquedas coloridos: nas turbulências, encontrar a força das quedas livres e, paradoxalmente, criar possibilidades de amortecer o impacto com o que nos aguarda. Uma forma de criar estes paraquedas coloridos é cultivar a capacidade ativa e perceptiva de sonhar. “De que lugar se projetam os paraquedas? Do lugar onde são possíveis as visões e o sonho. Um outro lugar que a gente pode habitar além dessa terra dura: o lugar do sonho” (KRENAK, 2019, p. 48). O sonho tem grande importância na filosofia que Krenak defende para cultivarmos formas boas de habitar a Terra, buscando adiar o fim deste mundo. Mas não é um sonho qualquer que Krenak (2019) nos instiga, e sim:

[...] o sonho como experiência de pessoas iniciadas numa tradição para sonhar. Assim como quem vai para uma escola aprender uma prática, um conteúdo, uma meditação, uma dança, pode ser iniciado nessa instituição para seguir, avançar num lugar do sonho. Alguns xamãs ou mágicos habitam esses lugares ou têm passagem por eles. São lugares com conexão com o mundo que partilhamos; não é um mundo paralelo, mas que tem uma potência diferente (KRENAK, 2019, p. 48).

O sonho que Krenak (2019) fala é um espaço de conexão, de vislumbrar possibilidades de viver, momentos de potência. Sonhar “[...] como exercício disciplinado de buscar no sonho as orientações para as nossas escolhas do dia a dia” (KRENAK, 2019, p. 36).

Talvez, o sonho seja uma pista para que encontremos caminhos para habitar a pandemia. Durante a emergência viral do SARS-CoV-2, os momentos oníricos deram espaço para pesadelos, foram possibilidades de encontrar pessoas distantes, de viajar para lugares que, naquele momento, eram impossíveis. Mas em qual medida aproveitamos os instantes de sonho para ver sentido em nossas vidas, vislumbrando outras possibilidades de viver e de estar no mundo?

Para algumas pessoas, a ideia de sonhar é abdicar da realidade, é renunciar ao sentido prático da vida. Porém, também podemos encontrar quem não veria sentido na vida se não fosse informado por sonhos, nos quais pode buscar os cantos, a cura, a inspiração e mesmo a resolução de questões práticas que não consegue discernir, cujas escolhas não consegue fazer fora do sonho, mas que ali estão abertas como possibilidades (KRENAK, 2019, p. 36)

Poderia o sonho ser também um espaço para o cuidado de si? De ponderar as nossas práticas, balancear a nossa vida, descansar e ensaiar outros modos de existir? O sonho, a postura ativa de sonhar, é um caminho para o Bem Viver.

No livro *Caminhos para a cultura do Bem Viver*, Krenak (2020) explica que o Bem Viver emerge da cosmovisão dos povos originários das américas, sendo um modo de estar no mundo em conexão com os diferentes seres que aqui habitam. Bem Viver é diferente do “[...] estado de bem-estar”, pontua Krenak (2020, p. 8), ideia europeia apoiada na economia e na política.

Bem Viver não é definitivamente ter uma vida folgada. O Bem Viver pode ser a difícil experiência de manter um equilíbrio entre o que nós podemos obter da vida, da natureza, e o que nós podemos devolver. É um equilíbrio, um balanço muito sensível e não é alguma coisa que a gente acessa por uma decisão pessoal (KRENAK, 2020, p. 8-9)

O Bem Viver é um caminho tênue que pode ser, em muitos momentos, árduo, duro, doloroso, demandando, assim como o cuidado de si, uma temperança, sendo também uma atitude ética e estética.

É muito diferente o fundamento de cada uma dessas perspectivas, de Bem Viver e bem-estar. O bem-estar está apoiado em uma ideia de que a natureza está aqui para nós a consumirmos. Mesmo que a gente faça de maneira consciente e cuidadosa, mas tem um fundamento, uma ontologia, que sugere que nós humanos somos separados dessa entidade, que é a natureza, e que a gente pode incidir sobre ela e tirar pedaços dela (KRENAK, 2020, p. 13)

O Bem Viver consiste na força de conexão com a Terra e a vida - nossa, dos outros seres e... -, distinguindo de muitos dos valores morais eurocêntricos e neoliberais que fazem parte de nossos cotidianos. Logo, Bem Viver destaca-se como “[...] abundância que a Terra proporciona como expressão mesmo da vida. A gente não precisa ficar buscando uma vantagem em relação a nada, porque a vida é tão próspera que é suficiente para nós todos” (KRENAK, 2020, p. 17).

Habitar o Bem Viver é conectar-nos com a abundância da Terra e da vida: os nossos corpos são manifestações dessa fartura terrena, frutos da metamorfose, como também nos ensina o filósofo italiano Emanuele Coccia (2020). A vida é fluxo, é movimento que está, a todo momento, interligada com o planeta. Nossos corpos e tudo que aqui habita está, em algum nível, interligado, pois é carne da Terra.

Perceber estas dimensões do Bem Viver, da força dos sonhos e, porque não, também do cuidado de si, são alguns dos desafios postos às nossas vidas contemporâneas, principalmente com a emergência pandêmica da Covid-19. Contudo, embora tomem corpo como desafio, também podem ser dimensionados como horizonte de possibilidades, como linhas de fuga que nos permitem cultivar uma experimentação a céu aberto, não como solução e antídoto, ao contrário, como linha pontilhada que cintila caminhar tanto com as vidas. Caminhares que também permeiam o

campo da educação escolar, as práticas, os momentos de encontro. Pensando nisso, Krenak (2020) escreve sobre os nossos dilemas enquanto educadores:

Os educadores vão ter que reivindicar um outro lugar, que é um lugar de engajamento com as famílias na formação de pessoas. Nós não podemos mais continuar atendendo a esse pedido do mercado de formar profissionais, de formar técnicos, de formar gente para operacionalizar o sistema. [...] Se não formos capazes de nos inspirar para criar corpos vivos para uma Terra viva, nós não vamos experimentar o Bem Viver. O Bem Viver são corpos vivos em uma terra viva. A gente não pode incidir sobre a Terra como se a gente fosse uma máquina retroescavadeira. Nós não temos que formar técnicos. A gente tem que ajudar a formar seres humanos. A ideia de que o ser humano é alguma coisa dada, um evento que já está programado, é um erro. Seres humanos são constituídos (KRENAK, 2020, p. 19-20)

Estes desafios para a educação estão aquém e além da pandemia: estão para o contemporâneo, para o viver no Antropoceno, para as nossas vidas em meio à presença massificada de estratégias e táticas neoliberais. São questões de modos de existência, de cuidado com a Terra, logo, problemáticas cotidianas.

Em se tratando de educação, esses aspectos tomam ainda mais força, justamente por identificarmos o quanto a profissão docente é um objeto cada vez mais subordinado e condicionado a essas lentes. A escola, de maneira geral, esteve, ao longo dos anos, apoiada em vias disciplinares de produção do conhecimento cientificamente elaborado. Os professores e as professoras, da mesma forma, sempre foram o foco de táticas e práticas disciplinares e disciplinarizantes. Por sua vez, nos últimos anos, o que tem sido prevalente é o deslocamento de um viés disciplinador - centrado nas relações de ensino e aprendizagem - para um paradigma do aprender, em que o estudante e os docentes são colocados em um lugar de empresários de si. Tudo isso acontecendo de modo concomitante com a urgência de uma sociedade ativa e de desempenho (HAN, 2017), a qual tem caminhado para o aumento de discursos meritocráticos e individualistas nos espaços escolares (assim como os demais contextos), promovendo um cansaço do esgotamento, da falta de possibilidades mesmo diante de um discurso aberto e suposta “opção de escolha”.

Com Krenak (2020), por sua vez, encontramos algumas interessantes pistas que diferem das que nos deparamos com mais frequência nos nossos espaços sociais marcados por táticas neoliberais. Krenak (2020, p. 20) sugere: “[...] vamos pensar a educação como foi pensada até agora, ela precisa ir além para poder ajudar a criar e construir seres humanos para uma Terra viva. Seres vivos para uma terra viva”. Sua escrita nos instiga a pensar em uma educação para a vida, para podermos habitar a Terra e contemplar a sua vida, percebendo a nossa existência como possibilidade apenas graças à vida de Gaia: vivemos apenas porque o planeta também vive.

Pensar em uma educação para o Bem Viver, para a vida na e da Terra, é caminhar para habitar um porvir - não uma terra arrasada, desolada, cansada, individualizada. Seria este porvir o pós-pandemia? Apostamos que o porvir começa agora, neste momento, independente do vírus, da iminência de adoecimentos e da própria morte, visto que os vírus, as doenças e a morte já nos acompanham “desde que o mundo é mundo”, desde que nascemos. Talvez, seja também o momento de fazer as pazes com os vírus: vê-los de formas outras para além da tensão binarista e extremamente egoísta entre saúde-doença, mas como figuras de força, de movimento metamórfico, de desejo e de vida.

Poderíamos dizer que o vírus é a força que permite a cada corpo desenvolver sua própria forma, como se ele existisse desencarnado do corpo, libertado, flutuando – a pura potência da metamorfose. Eis o que é o porvir, uma força de

desenvolvimento e reprodução da vida que não nos pertence, que não é propriedade exclusiva de um indivíduo, nem mesmo comum e compartilhada, mas sim uma potência flutuante na superfície de todos os outros corpos. Precisamente porque ela é livre, essa força circula de corpo em corpo. Ela está ao dispor de todos, suscetível de ser apropriada por cada um dentre eles. Mas, assim como apropriar-se de um vírus significa contaminar-se, transformar-se, metamorfosear-se, apropriar-se do futuro significa expor-se a mudança irreparável (COCCIA, 2020, p. 209).

Fazer as pazes com os vírus não é abandonar os tensionamentos que estão no entorno da reflexão acerca das nossas condições humanas em meio a uma existência social (saúde, saneamento básico, entre outros). Fazer as pazes com o vírus é perceber que ele compõe com um mundo todo vivo, altero, múltiplo. Um mundo todo vivo que também nos acolhe, assim como todas as outras formas de vida. Um acolhimento que também é alteridade - mais que humana -, mas sem necessariamente estar vinculado ao excesso de positividade de uma sociedade do cansaço.

Han (2017), ao tratar do excesso de positividade que tem retroalimentado os processos de sofrimento psíquico no contemporâneo, utiliza-se da compreensão do funcionamento do sistema imunológico para construir a sua pesquisa. Nela, utiliza-se da reflexão acerca da própria vacinação para sugerir que a racionalidade neoliberal tem privado os seres do contato com a negação. Segundo escreve Han (2017, p. 13), “a dialética da negatividade é o traço fundamental da imunidade”, isso porque:

O imunologicamente outro é o negativo, que penetra no próprio e procura negá-lo. Nessa negatividade do outro o próprio sucumbe, quando não consegue, de seu lado, negar àquele. A autoafirmação imunológica do próprio, portanto, se realiza como negação da negação. O próprio afirma-se no outro, negando a negatividade do outro (HAN, 2017, p. 14).

Nesse tom, “[...] a vacinação segue a dialética da negatividade. Introduce-se no próprio apenas fragmentos do outro para provocar a imunorreação” (HAN, 2017, p. 14). Com essa percepção de Han (2017), é possível discorrermos acerca daquilo que podemos aprender com as múltiplas reações decorrentes do contato do nosso corpo com as vacinas. Do quanto o estranhamento produzido pelo contato com a vacina contribui para que esse próprio corpo se module, possa ter a chance de se metamorfosear.

Com essa dobra de entendimento, problematizamos a própria racionalidade neoliberal que tem - pelo excesso de positividade - contribuído para a negação da própria negação. A negação ao estranhamento, ao contato com diferentes seres. Acerca disso, Han (2017) considera que:

A violência da positividade não pressupõe nenhuma inimizade. Desenvolve-se precisamente numa sociedade permissiva e pacificada. Por isso, ela é mais invisível que uma violência viral. Habita um espaço livre de negatividade do igual, onde não se dá nenhuma polarização entre o inimigo e amigo, interior e exterior ou entre próprio e estranho (HAN, 2017, p. 19).

Os escritos Han (2017) vêm ao encontro de nos apresentar que os atravessamentos de uma contemporaneidade marcada pelo excesso de positividade, inclusive, dificultam que percebamos que as próprias práticas que empreendemos sobre nós próprios podem estar sendo as agentes do nosso cansaço, exaustão e sofrimento. Como “[...] escravo de si mesmo” (HAN, 2017, p. 107), aquilo que temos feito em nossos espaços de trabalho - com boa vontade e dedicação - pode estar sendo

o causador do nosso sofrimento e cansaço?

Quantas vezes, ao longo da pandemia e do isolamento social, não nos percebemos exigindo do próprio corpo aquilo que ele não mais parecia ter chances de oferecer? Quantos momentos, ao estarmos em aulas remotas, sentimos o corpo cansado, exausto e, mesmo assim, permanecemos mais e mais horas em frente ao computador trabalhando, estudando, escrevendo? Quantas vezes acabamos ingerindo fármacos para suportar as dores de cabeça e das demais partes do corpo, as pressões, as angústias, os estresses e os excessos que não cessavam após turnos e mais turnos em frente às telas? A educação na pandemia foi compulsoriamente convocada a compor com as estratégias neoliberais: “[...] edifícios de trabalho e salas de estar estão todos misturados. [...] torna-se possível haver trabalho em qualquer lugar e a qualquer hora. *Laptop* e *smartphone* formam um campo de trabalho móvel” (HAN, 2017, p. 115-116). Nossos corpos educacionais (docentes, estudantes, gestores etc.) compuseram com esse agenciamento, fazendo parte desse excesso de positividade que ecoava em nossos ouvidos: “o ensino remoto é o futuro”; “é muito mais prático dar aulas remotas”; “é muito menos custoso”; “é mais barato e rápido” dentre outros.

Todos esses enunciados presentes em distintos discursos contaminaram nossas existências, extraíram da maioria de nós uma força extraordinária de produção de dados, informações, vídeos e... e... e... Tudo em prol de um excesso de positividade que nos cativava (e, muitas vezes, continua cativando) a mudar o foco, perceber o que era possível de ser produzido mesmo estando vivendo na situação pandêmica causada pela covid-19. A maximização da produção foi o que atingiu intensivamente o sistema escolarizador na pandemia. O paradigma do desempenho operou pela via de um esquema positivo do poder, o qual, conforme Han (2017, p. 25), “[...] é bem mais eficiente que a negatividade do dever”, a qual prevaleceu no âmago das sociedades disciplinares.

A economia capitalista absolutiza a sobrevivência. Ela se nutre da ilusão de que mais capital gera mais vida, que gera mais capacidade para viver. A divisão rígida, rigorosa entre vida e morte marca a própria vida com uma rigidez assustadora. A preocupação por uma boa vida dá lugar à histeria pela sobrevivência (HAN, 2017, p. 107).

Conforme apontam Rigue, Oliari e Sturza (2021), a pressão pelo desempenho afetou boa parte dos agentes educacionais na pandemia: ansiedade, medo, angústia, insegurança, pânico. Os autores engendram que:

Nosso tempo nessa contingência está sendo cada vez mais ocupado pelas demandas profissionais, agora no contexto privado das casas. Nota-se, a partir disso, que a realização de atividades escolares, assim como desenvolvíamos presencialmente nas escolas, têm operado como gatilhos de crises de ansiedade, os quais reverberam para produção de sofrimento e, até mesmo, de culpabilização no âmbito da educação escolar no distanciamento social (RIGUE; OLIARI; STURZA, 2021, p. 36).

Tratam-se de muitas forças operando que, até o presente, acabam distanciando nossos corpos de uma ação contemplativa, de atenção imanente, de um cuidado de si. Como “[...] máquinas de desempenho” (HAN, 2017, p. 56), somos expostos a uma hiperatenção curta e rápida, como sugere Han (2017), a qual coage o ser a produzir cada vez mais com a falsa sensação de liberdade - autoexploração, mesmo estando em contato com todas as questões inerentes a estar vivo na pandemia.

A liberdade das habilidades gera até mais coações do que o

dever disciplinar, que profere ordens e proibições. O dever possui um limite. Mas a habilidade não possui limite algum. Está aberta para elevar-se e crescer. Assim, a coação que provém da habilidade é ilimitada (HAN, 2017, p. 116-117)

Portanto, o contágio do Bem Viver assinalado por Krenak (2020) toma relevo como uma linha pontilhada que nos ajuda a habitar a vida com vontade, ver a abundante força que transborda de Gaia. Contudo, o Bem Viver é distinto do bem-estar, já que não está atrelado a modos capitalísticos de lidar com a vida. O Bem Viver aponta para a necessidade de contemplarmos o porvir em suas características mais viscerais: um porvir que também é viral, marcado por todas as modulações que dele evocam e emergem.

O porvir é uma doença que obriga os indivíduos e as populações a se transformarem. Uma doença que nos impede de pensar nossa identidade como algo estável, definido, real. O porvir, afinal de contas, é a doença da eternidade - um tumor somente dela. Mas benigno. O único que nos faz feliz. Não temos que nos proteger dessa doença. Não precisamos de vacina contra o vírus do tempo. Inútil. Nossa carne nunca deixará de mudar. Devemos ficar doentes, muito doentes. Sem ter medo de morrer. Nós somos o futuro. Nós vivemos depressa. Nós morremos com frequência (COCCIA, 2020, p. 209-210).

Em Coccia (2020), encontramos um convite a adoecermos juntos com o porvir, contagiando-nos com o presente e abrindo-nos ao futuro. Um porvir com os riscos que nele habitam: o risco de metamorfosear-nos e renascermos de formas outras, mutantes, distantes talvez do que se era antes - de um ideário a priori.

Um porvir que pode causar medo pela sua imprevisibilidade, pela força de seus movimentos intensivos. Mas existiria outro caminho para viver sem abrir-se ao porvir? Será que, ao desejarmos a estagnação, não estaríamos mortificando em vida? O que habita nesses porvires para nós? Como será a educação porvir? A vida porvir? Múltiplas perguntas sem respostas, pois o porvir se faz agora, nas lutas, nos movimentos, nos sonhos, nos cuidados e nos desejos que se abrem ao novo, ao outro, ao encontro e à conexão com o que vive e pulsa.

A possibilidade de agenciamentos criadores nos parece um sopro de vida e força vital em meio às táticas e estratégias neoliberais que nos convidam incessantemente - quando não forçam - a consolidar um corpo imóvel, capturado, contaminado, cansado e individualizado. O cuidado de si e o Bem Viver, com todas as potências que carregam, podem ser vias interessantes para que seja possível cultivar habitações vívidas enquanto se vive e experimenta práticas educacionais em um contexto pandêmico.

Habitações que, assim como sugere Han (2017, p. 113), podem vir a nos apresentar “[...] uma nova forma de vida, uma nova narrativa, donde possa surgir uma nova época, um outro tempo vital, uma forma de vida que nos resgate da estagnação espasmódica”. Para além de uma vida que se resuma à sobrevivência, é possível que estabeleçamos “[...] contato com tudo que é vincutivo, com tudo que estabelece laços” (HAN, 2017, p. 115), inclusive com uma educação que também venha ao encontro de cultivar práticas de cuidado de si e de Bem Viver.

Considerações Finais

Traçar deslocamentos em territórios pandêmicos demanda um gesto de cuidado, atenção e alteridade. A pandemia, como um território entremeado de diversos dispositivos de controle, capilariza-se em todos os âmbitos de nossas vidas, por intermédio dos discursos e práticas constantemente produzidos e atualizados. Os trajetos nesses territórios são, sim, de perigo: a

iminência da infecção viral pode descarrilar-se em morte, na medida em que as crises econômicas e sociais vão tomando outras dimensões, se intensificando.

“Viver-na-pandemia é viver-na-incerteza (in)constante: para sobreviver, torna-se necessário abandonar as seguranças” (SALES; ESTEVINHO, 2021, p. 289). São muitas as tensões e os desconhecimentos. Mas será que essa incerteza já não está inerente à vida? As incertezas, juntamente das nossas vulnerabilidades, são, justamente, relações de forças que nos tornam vivos, nos permitem viver.

É importante que reconheçamos que também existem múltiplos riscos nas naturalizações do existir que temos cultivado em nossos hábitos do viver na sociedade neoliberal: o excesso de positivação da vida; a hiperatenção que é cada vez mais rápida e instantânea, combinada com a falsa sensação de liberdade; a compreensão da saúde como oposto de doença; a redução da dimensão do viver ao sobreviver; a redução das práticas educacionais ao consumo de informações como mercadorias.

Os perigos também residem em sermos engolidos por agenciamentos antropocêntricos e neoliberais que capilarizam e precarizam as nossas existências e consomem até a nossa liberdade de respirar, de contemplar, de viver com os seres. As práticas de subjetivação foram intensificadas em meio ao contexto pandêmico, elas foram combinadas com a fragilização desse corpo inerente ao excesso de centralização no ser humano e, ao mesmo tempo, na recorrente enunciação que percebe os demais seres inapropriados e indispensáveis.

Eis o desafio de habitar o Antropoceno, de conviver com os vírus bem como as demais formas de vida que aqui habitam. Não mais podemos continuar opondo homem-animal (FAUSTO, 2020), é preciso que fuçamos dessa zona de indiferença que justifica a exclusão de outras formas de vida, pois enquanto seres portadores do suposto *logos*, nós percebemos superiores. É preciso investir em uma ética da convivialidade que nos permita habitar o mundo com os seres, uma política que, conforme Fausto (2020, p. 182), “é uma multiplicidade irreduzível de modos de coabitar e coconstituir o mundo diferente e assimetricamente [...]”.

Reconhecendo que estamos vivendo em meio a uma turbulência, em que o Antropoceno se combina com o excesso de positivação das táticas neoliberais nas diferentes instâncias, é que estes escritos apostam em cultivos e reinvenções que invistam na vida, em práticas que impulsionam vibrações micropolíticas de cuidado.

Nesse caos, insistimos em processos educacionais que também estejam abertos às metamorfoses: uma educação que seja possível de se habitar. Uma educação que inaugure convites - espaços de pensamento - para além de noções e habilidades que respondam única e exclusivamente a demandas neoliberais, de mercado, de maquinação da vida.

A partir de todas as ferramentas conceituais mobilizadas ao longo desse ensaio, acreditamos ter sido possível encontrar pistas para cuidar de nossas vidas, Tateando possíveis para habitar o Bem Viver e vislumbrando porvires para além da terra arrasada e dos corpos esgotadamente cansados. Ousamos entrelaçar concepções e tensionamentos de diferentes tempos e territórios por percebê-los profícuos na promoção de um ensaiar calcado na realidade, naquilo que tem sido possível sentir e experimentar na pandemia. Talvez, as distâncias epistemológicas entre os autores possam ter se atritado nas tessituras que aqui fizemos, mas o que seria mais paradoxal e áspero do que viver em meio à pandemia, seguindo trabalhando, aprendendo, educando, enfrentando os nossos medos, atravessando os nossos lutos e insistindo em acreditar e afirmar a vida diariamente, mesmo com a proximidade da morte?

Reconhecendo todos esses aspectos que têm atravessado nossas cotidianidades, inspirados em Deleuze (2013, p. 222), demarcamos que “Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele”. Quando Deleuze (2013) nos faz esse convite para que reativemos a crença na vida, ele também sugere que esse movimento seja feito pela via de “[...] suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volume reduzidos” (DELEUZE, 2013, p. 222). Fausto (2020) também nos faz esse convite, indo ao encontro de problematizar a noção de política que impera em nossas vidas, conforme escreve a política: “É a arte de criar saídas; é devir-animal e devir-com animais; é fabular diante de e com povos menores; [...] é interessar-se pelo mundo, estando aberto e disponível, afetando e sendo afetado pelos outros [...]” (FAUSTO, 2020,

p. 263).

Atravessados por esses convites que partem do desejo de pensar com vontade é que encerramos esse ensaio apontando para a importância de cultivar o cuidado de si nas diferentes práticas que acionamos em nossas vidas, e a urgência de movimentarmos-nos na via do Bem Viver, reinventando rotas para dissolver e, quando possível, dobrar as táticas neoliberais que despotencializam a força vital dos seres. Entre o cuidado de si e o Bem Viver, continuamos a traçar porvires possíveis.

Referências

COCCIA, Emanuele. **Metamorfoses**. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2020.

CORRÊA, Guilherme Carlos. EJA, educação e escolarização. *In*: REUNIÃO CIENTÍFICA DA ANPED SUL, 10., 2014, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), 2014. p. 01-12.

CORRÊA, Guilherme Carlos; PREVE, Ana Maria Hoepers. A educação e a maquinaria escolar: produção de subjetividades, biopolítica e fugas. **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, v. 37, n. 2, p. 181-202, 2011. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/reu/article/view/652>. Acesso em: 4 nov. 2021.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3. ed. São Paulo: Ed. 34, 2013.

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? *In*: DELEUZE, Gilles. **O mistério de Ariana**. Tradução de Edmundo Cordeiro. Lisboa: Vega, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. (v. 1). São Paulo: Ed. 34, 2011.

FAUSTO, Juliana. **A cosmopolítica dos animais**. São Paulo: n-1 Edições & Hedra, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense, 2010a. (Ditos & Escritos V).

FOUCAULT, Michel. **Hermenêutica do sujeito**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010b.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: o cuidado de si**. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015.

FOUCAULT, Michel; DELEUZE, Gilles. Os intelectuais e o poder. *In*: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2019.

GOMES, Marcel Maia; FERRERI, Marcelo; LEMOS, Flávia. O cuidado de si em Michel Foucault: um dispositivo de problematização do político no contemporâneo. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 30, n. 2, p. 189-195, 2018. DOI: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v30i2/5540>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/HDPxLw3pNsbmmZPLdnx6BRk/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 1 jan. 2022.

GROS, Frédéric. O cuidado de si em Michel Foucault. *In*: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 127-138.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.

KRENAK, Ailton. Caminhos para a cultura do Bem Viver. **Observatório de Educação em Direitos**

Humanos em Foco, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <http://observatorioedhemfoco.com.br/observatorio/caminhos-para-a-cultura-do-bem-viver-ailton-krenak-2020/>. Acesso em: 25 jan. 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 28, n. 2, p. 101-115, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/25643/14981>. Acesso em: 23 set. 2021.

MARCELLO, Fabiana de Amorim; FISCHER, Rosa Maria Bueno. Cuidar de si, dizer a verdade: arte, pensamento e ética do sujeito. **Pro-Posições**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 157-175, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73072014000200009>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/c7ZYDQC7gTP7JnPSXmVQsqn/?lang=pt>. Acesso em: 12 dez. 2021.

MARÍN-DÍAZ, Dora Lilia. **Autoajuda, educação e práticas de si**: genealogia de uma antropotécnica. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

RIGUE, Fernanda Monteiro; OLIARI, Gilberto; STURZA, Raquel Brum. Atravessamentos da pandemia de Covid-19 na educação escolar brasileira. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 28, n. 4, p. 19-40, 2021. DOI: <https://doi.org/10.18764/2178-2229v28n4.202156>. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/14078/9957>. Acesso em: 10 jan. 2022.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. 2. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

SALES, Tiago Amaral *et al.* Tricotando janelas: encontros e desencontros à espreita de um pesquisar. **Alegrar**, Campinas, v. 26, p. 375-392, 2020. Disponível em: <https://alegrar.com.br/dossie-26-44/>. Acesso em: 20 dez. 2021.

SALES, Tiago Amaral; ESTEVINHO, Lúcia de Fátima Dinelli. Cartografias de vida-e-morte em territórios pandêmicos: marcas-ferida, necro-bio-políticas e linhas de fuga. **Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 275-293, 2021. DOI: <https://doi.org/10.9789/2525-3050.2021.v6i11.275-293>. Disponível em: <http://seer.unirio.br/revistam/article/view/10487>. Acesso em: 20 jan. 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

Recebido em 28 de janeiro de 2022.
Aceito em 19 de dezembro de 2022.